Biblioteca Central "Vicerrector Ricardo A. Podestá"
Repositorio Institucional

O direito e a direita

a operação lava-jato, a mídia e o poder

Año
2020

Autores
Pacheco da Cruz, Denner y Kunsch,
Dimas Antônio

Este documento está disponible para su consulta y descarga en el portal on line de la Biblioteca Central "Vicerrector Ricardo Alberto Podestá", en el Repositorio Institucional de la **Universidad Nacional de Villa María.**

CITA SUGERIDA
Pacheco da Cruz, D. y Kunsch, D. A. (2020). *O direito e a direita : a operação lava-jato, a mídia e o poder* . 2do. Congreso Latinoamericano de Comunicación de la UNVM, nuevos escenarios entre emergencias y conflictos. Villa María: Universidad Nacional de Villa María

Esta obra está bajo una Licencia Creative Commons Atribución 4.0 Internacional

O DIREITO E A DIREITA: a operação lava-jato, a mídia e o poder.

THE RIGHTS AND THE RIGHT-WING: the operation lava-jato, the media and the power.

Denner Pacheco da Cruz[1]
Dimas Antônio Kunsch[2]
Universidade Metodista de São Paulo- Umesp

Resumo: O tema deste artigo visa dialogar acerca do lawfare de orientação política de direita instrumentalizado pelo judiciário brasileiro. Já objeto deste estudo, é a construção do personagem midiático Sérgio Moro, e o objetivo consiste em entender como foi construída a narrativa da mídia em favor do então juiz, baseado no modelo de Roland Barthes proponho uma análise semiológica estruturalista das capas das revistas Istoé e Veja no período em que Moro esteve à frente da operação lava-jato. Mostro as ferramentas e estratégias usadas por esses veículos de mídia, para endossar as decisões tomadas pelo então juiz. A sustentação teórica se dá, entre outras, por teorias da comunicação como a do framming effect e da agenda setting.

Palavras-chave: Jornalismo. Lava-Jato. Direita. Direito. Sérgio Moro.

Abstract: The theme of this article aims to dialogue about the lawfare of right-wing political orientation instrumentalized by the Brazilian judiciary. The object of this study, it is the construction of the media character Sérgio Moro, and the objective is to understand how the media narrative was constructed in favor of the ex-judge, based on the model of Roland Barthes, I propose a structural semiological analysis of the covers of the magazines Istoé and Veja at the period when Moro was in charge of the operation lava-jato. I show the tools and strategies used by these media outlets to endorse the decisions made by the ex-judge. Theoretical support is, among others, by communication theories such as framming effect and agenda setting.

Keywords: Journalismus. Lava-Jato. Right-wing. Law. Sérgio Moro.

Este artigo se ocupa com o tema da ação da grande mídia brasileira no apoio maciço à operação Lava-Jato, que levou à prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e à vitória de Jair Messias Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2018. O foco do estudo se concentra nos mecanismos midiáticos do enquadramento de notícia e do agendamento da opinião pública. A operação, que tem até hoje seus desdobramentos como parte dos assuntos principais que ocupam o debate público no Brasil, foi cada vez mais se configurando como uma ação orquestrada para impedir uma provável vitória de Lula que até então liderava todas as principais pesquisas de opinião. No que se refere a análise de conteúdo, o foco se dá especificamente sobre as figuras do ex-juiz Sérgio Moro, que é o principal símbolo da operação, e também do ex-presidente Lula, que foi

[1] Aluno do curso de Jornalismo da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). E-mail: denner.cruz12@gmail.com
[2] Professor Dr. Dimas Antonio Kunsch. Doutor em Ciências da Comunicação e mestre em Integração da América Latina pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail:dimas.kunsch@gmail.com

considerado por uma parcela significativa da imprensa como o grande culpado pela corrupção na Petrobras. Nas capas das duas principais revistas semanais de informação do País, os dois eram enfatizados sempre como inimigos, alimentando então, a grande polarização política que se vive hoje no Brasil. A análise de cunho semiológico será aplicada a capas das revistas Veja e IstoÉ no período em que o ex-juiz esteve à frente da operação, e que trazem estampada sua figura. Na primeira seção, faço o levantamento do corpus da pesquisa. Também nesta parte, abordo as teorias que norteiam este artigo: midiatização, framming, agenda setting, e por fim, entender como se dá o lawfare. Cabe então à segunda seção, com base nestes temas: como ocorreu o processo de enquadramento e de agendamento, a midiatização e sobretudo, de como a lei foi instrumentalizada para impedir o ex-presidente Lula de concorrer nas eleições de 2018- esta análise, porém, mais indicada que aprofundada, levando-se em consideração, é claro, que o foco principal cabe à análise semiológica das capas das revistas, que se trata do conteúdo da terceira seção. A análise semiológica, é aplicada, em um primeiro momento, a uma abordagem geral e panorâmica, para, num segundo momento, se concentrar em duas capas específicas, uma de cada revista escolhida.

Corpus da pesquisa e fundamentação teórica

O Lawfare é um termo recente, que discorre sobre o uso obtuso do direito para alcançar fins políticos. Já as três principais teorias da comunicação que servem de base para esta análise - midiatização, enquadramento e *agenda setting* - são estudos tradicionais da área, que discutem como os meios de comunicação usam, digamos, de seu arsenal para pautar o debate público.

A midiatização "Trata-se, a rigor, de um conjunto de fenômenos que mostram uma articulação profunda entre as mídias" (MARTINO, 2014, p. 270). No entanto, sem negar esse aspecto, fundamental para este estudo, do poder que a mídia exerce por meio do processo de midiatização do social, entendo que há um diferencial importante na maneira como o conceito é aqui empregado. A midiatização, em uma clara conexão com a agenda setting e o framming, pode também ser entendida como o investimento da imprensa tradicional, aqui representada pelas revistas escolhidas, na construção de um personagem, sendo ele herói ou vilão, estabelecendo os modos de produção de uma narrativa mitológica, sendo ela favorável ou desfavorável, com intuito de atender a uma ideologia. No caso da Lava-Jato, não aparenta caber dúvida de que Lula é o vilão, enquanto Sérgio Moro é o herói.

Outro recurso normalmente utilizado pela imprensa, sobretudo no que diz respeito a produção de notícias, e que corrobora com a tese anterior da midiatização, recebe o nome de teoria do agendamento, ou em inglês *agenda setting*, que nos diz, que os meios de comunicação determinam qual pauta será debatida pelo público, de modo que, se a mídia tratar dos assuntos A, B e C, é provável que também o grande público trate desses mesmos assuntos. (Barros Filho,1995),

Por fim, temos a teoria do enquadramento, apontando para o fato que, após longa exposição a conteúdos provenientes dos meios de comunicação, o receptor fica suscetível a pensar igual a eles, de tal forma que "o modo como a mídia trata determinado assunto deixa de ser visto como uma escolha arbitrária, na medida em que o público compartilha das mesmas referências" (MARTINO, 2014, p. 39-40). Estereótipos e preconceitos costumam ser frequentes nesse universo. Um imigrante nos Estados Unidos, será mais facilmente associado ("enquadrado") pela mídia a crimes, como violência e narcotráfico, que um agente militar americano, por exemplo. Assim, para usar uma metáfora, os óculos com os quais o público passa a ver o mundo são, com força cada vez maior, os óculos fornecidos pelos meios de comunicação, segundo a leitura que a mídia faz dos acontecimentos, ou segundo a gaveta a que ela destina cada fato ou grupo social.

Estes fenômenos atuais, tanto a midiatização, como o framming e a agenda setting, encontram-se em estágio avançado devido à evolução da comunicação midiática e, consequentemente, da ubiquidade da mídia, ou seja, de ela estar presente em todos os lugares ao mesmo tempo (PAVLIK, 2014).

Sob a ótica do Direito, Lawfare significa em tradução literal "guerra jurídica", assim denominado por Charles Dunlap Jr, em 2001 (Dunlap Jr, 2001), ou seja "lawfare é o uso estratégico do Direito para fins de deslegitimar, prejudicar ou aniquilar um inimigo" (Zanin et al, 2001). Como por exemplo, impedi-lo de concorrer a cargos públicos, ou submete-los a julgamentos viciados, muitas vezes não respeitando direitos fundamentais. De modo que, o rito jurídico somente serviria como uma forma de maquiar as frivolidades, dando aparência de legalidade ao processo.

Feita essa breve explanação sobre os fundamentos teóricos que devem ser sustentados pela análise semiológica das capas das duas revistas, como indicado, apresento então agora, o *corpus* da pesquisa. No período entre março de 2014 e novembro de 2018, em que o ex-juiz Sérgio Moro esteve no comando da operação Lava-Jato, ele teve sua imagem exposta em seis edições publicadas pela revista Veja e em sete da revista IstoÉ. Os Quadros 1 e 2 mostram dados sobre cada uma das edições das duas revistas.

Quadro 1 - As capas da revista Veja com a imagem de Moro. Elaborado pelo autor

EDIÇÃO	DATA	MANCHETE	OBS.
2398	05/11/14	OPERAÇÃO MÃOS SUJAS: os acusados do maior caso de corrupção da história brasileira manobram para tirar de cena o juiz responsável pelo processo.	A primeira capa de Veja é dada oito meses após Moro assumir o comando da operação.
2424	06/05/15	O JUIZ MORO VÊ MAIS LONGE: por que a soltura pelo STF dos empreiteiros presos pela Lava-Jato não representa o fim da esperança dos brasileiros de que corruptos vão para a cadeia	Os ministros Teori Zavascki, Dias Toffoli e Gilmar Mendes, votaram pela soltura dos empreiteiros acusados de corrupção na semana anterior à publicação.
2458	30/12/15	ELE SALVOU O ANO: Veja pesquisou mais de 300 sentenças que Sérgio Moro lavrou nos últimos 15 anos e descobriu as raízes da determinação e eficiência do juiz que deu ao Brasil a primeira esperança real de vencer a corrupção	Retrospectiva 2015.
2480	01/06/16	O COMPLÔ PARA CALAR A LAVA JATO: como os líderes do PMDB trabalham para travar as investigações.	Se refere a Renan Calheiros, então presidente do Senado, e Eduardo Cunha, então presidente da Câmara dos Deputados.
2529	10/05/17	O PRIMEIRO ENCONTRO CARA A CARA: Moro x Lula.	As capas de Veja e de Istoé nesta mesma semana se assemelham na forma e no conteúdo, trazendo Lula e Moro como dois rivais no ringue, uma alusão à primeira audiência de Lula frente ao então juiz.
2607	07/11/18	A PIRUETA DE MORO: a convite de Bolsonaro, o juiz fez um movimento temerário e troca a Lava-Jato pela política.	Diferente de Istoé, Veja tem uma postura crítica e avessa à ação de Moro em deixar a Lava-Jato e integrar o governo Bolsonaro.

Fonte: Acervo digital da revista Veja.

Quadro 2 - As capas da revista IstoÉ com a imagem de Moro. Elaborado pelo autor

EDIÇÃO	DATA	MANCHETE	OBS.
2411	24/02/16	AS PROVAS DE MORO: IstoÉ teve acesso a notas fiscais, registros de transferências bancárias e recibos de doações eleitorais que compõem a documentação enviada pelo juiz da Lava-Jato ao TSE e que podem levar à cassação da chapa Dilma-Temer.	A revista dá ênfase a dez ações penais instauradas contra a então presidente Dilma pelo então juiz Moro, que foram entregues ao Tribunal Superior Eleitoral.
2473	05/05/17	AJUSTE DE CONTAS - Dois pesos pesados, dois grandes projetos no ringue: o destino da Lava-Jato e a candidatura ao Planalto. Quem vai a nocaute?	As capas de Veja e Istoé nesta mesma semana se assemelham na forma e no conteúdo, trazendo Lula e Moro como dois rivais no ringue, uma alusão à primeira audiência de Lula frente ao então juiz.
2490	01/09/17	LAVA-JATO O FILME - A realidade supera a ficção: a investigação que mudou o país. O maior esquema de corrupção é mais nocivo e sofisticado do que mostra a história que agora estreia nos cinemas. A boa notícia: a operação vai continuar e representa a chance de um final feliz para os brasileiros.	A capa faz referência ao filme lançado em setembro de 2017, no auge da popularidade de Moro e da operação Lava-Jato.
2503	01/12/17	BRASILEIROS DO ANO 2017	RETROSPECTIVA 2017
2508	12/01/18	1968-2018 DA REBELDIA À DISRUPTURA	N/T[3]
2512	08/02/18	CARNAVAL DO PROTESTO	N/T

[3] Não tem.

2552	15/11/18	ENTREVISTA EXCLUSIVA COM SÉRGIO MORO	Última entrevista de Moro antes de aceitar o cargo de ministro da justiça do governo Bolsonaro.

Fonte: Acervo digital da revista IstoÉ.

O ex-juiz, como aparece nos Quadros 1 e 2, teve sua figura apresentada nas capas das duas revistas por treze vezes, no período em que esteve à frente da operação. Uma leitura dos significados dessa exposição de Sérgio Moro será efetuada na próxima seção, à luz dos temas da midiatização, do enquadramento e do agendamento.

A análise semiológica - que será feita na terceira parte – cabe a somente duas dessas capas, sendo uma de cada revista. Trata-se, no caso de Veja, da edição número 2529, de 10 de maio de 2017, e, no caso de IstoÉ, da edição número 2552, de 18 de novembro de 2017.

Um dado importante e que dá indícios significativos do apoio da mídia em relação as ações do ex-juiz, já adiantando o que iremos ver a seguir, é que ele apareceu por mais vezes dentro do campo de análise já indicado, estampando as capas das duas revistas entre maio de 2017 e novembro de 2018 - foram oito vezes, no total -, justamente o período que cobre do interrogatório ao julgamento do ex-presidente Lula, o início da corrida eleitoral e a posterior decisão de Sérgio Moro de deixar a magistratura para se tornar Ministro da Justiça do então presidente Jair Bolsonaro.

Moro, o herói construído pela mídia, é justo?

O processo de midiatização da Lava-Jato assim como em qualquer outro caso de midiatização, tornou-a mais que uma operação da polícia Federal, um fenômeno também cultural que seguia à risca a lógica da midiatização da sociedade. Onde o real e a representação se confundem:

> É muito difícil dizer [...] aonde termina a mídia e começa a vida real; uma parece não existir sem a outra, em uma articulação permanente. Essa presença constante das mídias imersas no âmbito das relações pessoais cotidianas vem sendo denominada, desde o início dos anos 2000, de midiatização (MARTINO, 2014. p. 270).

A operação em todas mídias, teve grande repercussão, sejam elas as mídias tradicionais como os jornais, revistas, rádios, emissoras de TV, como também os portais

online. Era assunto recorrente também nas mídias sociais, como WhatsApp, Instagram, Twitter e Facebook.

Tamanha exposição, fez com que a Lava-Jato influenciasse até mesmo a produção cultural nacional. Produtos audiovisuais como o filme "Polícia federal: a lei é para todos"[4] e a série da Netflix "O mecanismo"[5] foram criados, além de livros biografando a vida de Moro.[6] Todos esses produtos culturais tiveram enorme repercussão. Era comum ver pessoas com camisetas e cartazes enaltecendo o então juiz, e sobretudo a operação em si.

A sensação anti-sistema provocada pela lava-jato deu esperanças a boa parte da população. A grande mídia pautava o debate público, num claro exemplo de agenda setting, um dos mais espetaculares do período, sob o enquadramento do combate à corrupção.

Como este material pôde comprovar, Moro estampou as capas de Veja e IstoÉ por treze vezes, estas que são duas das principais revistas semanais de informação geral do País. Esse considerável número de aparições, como apontado, acentuou-se no período entre maio de 2017 e novembro de 2018, transportando o personagem principal da operação para o centro do debate público. Uma hipótese é a de que isso ocorreu devido aos atritos causados entre ele e Lula durante o processo anterior à prisão do ex-presidente, tanto que, na primeira e na segunda semanas de maio de 2017, antes da primeira audiência prestada por Lula, nos dias 5 e 10, respectivamente Veja e Istoé publicaram capas que retratam quase que exatamente a mesma coisa, Lula e Moro como lutadores que se enfrentarão em um ringue. Esse evento da audiência, como se pode constatar pela escolha das duas capas, causou grande repercussão na época, o que reforça a hipótese do agendamento "Há a "agenda da mídia" e a "agenda pública", e o modelo do Agenda-Setting prevê que os temas da agenda da mídia definem a agenda pública, isto é, passarão a ser discutidos pelas pessoas uma vez pautados pela mídia" (MARTINO, 2014, p. 205).

Já o enquadramento, outra ferramenta usada pela mídia, pode ser entendido como um método "para caracterizar como os indivíduos compreendem e respondem às situações sociais a partir do modo com que organizam a vida cotidiana" (GUTMANN, 2008, p.8). O enquadramento da mídia, aqui, nos apresenta o ex-juiz como a grande

[4] Dirigido por Marcelo Antunez, o filme foi lançado em 7 de setembro de 2017.
[5] Dirigido por José Padilha, que é também diretor de Tropa de Elite e Narcos. A série estreou na Netflix em 23 de março de 2018.
[6] Tais como: Sérgio Moro: a história do homem por trás da operação que mudou o Brasil, escrito pela deputada Joice Hasselman e Sergio Moro: o homem, o juiz e o Brasil de Luiz Scarpino.

esperança da luta contra a corrupção. O que o povo brasileiro poderia ter contra o combate à corrupção?

O que boa parte da mídia, à exemplo dos jornais selecionados, não demonstrou, foram os vários indícios de perseguição a Lula cometidos por Moro, estes puderam ser identificados neste caso, pelas ações tomadas por ele no comando da operação, que podem ser enquadrados na definição de Lawfare "que pode ser traduzido como uma guerra jurídica, cujo belicismo se constitui a partir da instrumentalização dos órgãos estatais com o objetivo de eliminação física, moral e ética da figura definida como inimiga." (Santa Cruz, 2020).

Por exemplo, o vazamento ilegal das conversas telefônicas de Lula com a então presidente Dilma às vésperas de sua nomeação ao cargo de Ministro da Casa Civil do governo, sob a prerrogativa de que o ex-presidente usaria a nomeação como forma de fugir das acusações apontadas pela lava-jato, usando do benefício do foro privilegiado. O evento fez com que o STF em decisão monocrática de Gilmar Mendes, impedisse Lula de ser empossado. Esta hipótese, porém, foi enfraquecida após um dos vazamentos da série de jornalismo investigativo cunhada de "vaza-jato", do jornal The Intercept Brasil em parceria com a Folha de São Paulo[7], onde no referente capítulo, foi comprovado que Moro omitiu inúmeras outras conversas que atestavam que Lula assumiria o cargo somente para fazer acordos políticos com o então PMDB, por intermédio do vice-presidente à época Temer, e não para fugir das acusações como foi dito.

Outro evento, este primordial, é o da condenação do ex-presidente no caso do Triplex do Guarujá, processo este em que o levou à prisão, impedindo-o de concorrer às eleições presidenciais. A condenação de Lula baseou-se, principalmente em provas indiretas, como por exemplo uma reportagem do jornal O Globo[8], e também das delações premiadas dos acusados presos pela operação[9]. A professora do Instituto de Educação Superior de Brasília Thaís Aroca Datcho, em entrevista ao jornalista Murillo Ferrari da CNN, disse que "Independentemente dele ser culpado ou inocente, a existência deste

[7] Disponível em https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/09/conversas-de-lula-mantidas-sob-sigilo-pela-lava-jato-enfraquecem-tese-de-moro.shtml. Acesso em 02 de out. de 2020.
[8] Disponível em https://oglobo.globo.com/politica/caso-bancoop-triplex-do-casal-lula-esta-atrasado-304159. Acesso em 01 de out. de 2020.
[9] Disponível em https://theintercept.com/2019/06/09/dallagnol-duvidas-triplex-lula-telegram-petrobras/. Acesso em 01 de out. de 2020.

processo foi explorada de maneira política. Isso é claro e flagrante para quem olha de maneira honesta do ponto de vista jurídico".[10]

Por fim, o motivo de principal desconfiança com relação a conduta de Moro, é o de aceitar o cargo de ministro da Justiça do atual presidente Jair Bolsonaro, governo que, direta ou indiretamente, ele ajudou a eleger, assunto que será melhor abordado na análise semiológica da capa da Istoé.

O que se pode dizer sobre os quadros 1 e 2, é que as manchetes destas revistas, são em geral positivas acerca da figura do ex-juiz, com exceção da edição 2607 da Veja, de 18 de novembro de 2018, "A PIRUETA DE MORO: a convite de Bolsonaro, o juiz fez um movimento temerário e troca a Lava-Jato pela política" que ainda assim, pode ser entendida como um movimento arriscado, que pode ou não dar certo, ou seja, não é necessariamente uma crítica, e pode significar um alerta. Todas as outras capas por exemplo, são em favor das ações do ex-juiz. Podemos notar isto nas edições, 2424 da Veja, de 6 de maio de 2015, em que a manchete diz que o "Juiz Moro vê mais longe", o "vê mais longe" transmite a ideia de que ele é capaz de prever as movimentações de seus investigados no âmbito da operação lava-jato. Já na edição número 2458, de 30 de dezembro de 2015, a manchete da capa é apoteótica, ao enunciar que Moro é "o salvador do ano".

No que Diz Martino (2014, p. 38), sobre o enquadramento:

> A maneira conforme as informações são apresentadas podem influenciar diretamente o modo como as pessoas entendem essa informação. A mídia influi diretamente no modo de interpretação das pessoas construindo a mensagem, de modo a deixar margem para uma única maneira de interpretá-la.);

A mídia entende bem como trabalhar os sentidos denotativo e conotativo da linguagem, como apontados por Barthes (1957), para orientar o público acerca da temática.

Análise semiológica-estruturalista das capas. Método de Roland Barthes.

Uma análise de imagem pode ocorrer por inúmeros motivos: capturar, colocar em evidência determinados elementos históricos e socioculturais residentes nos diferentes planos de um retrato, entre outros. (Penn. 2000 p.320) escreve sobre as ferramentas conceituais para uma análise semiológica:

[10] Disponível em https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/09/15/entenda-o-que-e-lawfare-o-uso-estrategico-do-sistema-judicial. Acesso em 20/09/2020

> A semiologia provê o analista com um conjunto de instrumentais conceituais para uma abordagem sistemática dos sistemas de signos, a fim de descobrir como eles produzem sentido. Muito de sua precisão provém de uma série de distinções teóricas que são captadas através de um vocabulário específico (PENN, 2000, p. 319).

Qualquer imagem pode conter milhares de signos, cabendo ao semiólogo, à luz de todo rigor científico, identificar os conhecimentos culturais que estão implicitamente referidos pela imagem ou contrastando os signos escolhidos com outros elementos de seus conjuntos paradigmáticos" (PENN, 2000, p. 325).

A análise estruturalista-semiológica das capas escolhidas para este estudo se pauta na teoria esboçada por Barthes (1957) do "sistema semiológico de segunda ordem", baseada na estrutura geral do signo de Saussure (1916), como a associação de significante e de significado, onde o signo do sistema da primeira se torna significante do sistema de segunda ordem:

> O signo raposa compreende a associação de determinada imagem acústica, certo conceito (canino avermelhado com uma cauda fechada, etc.). Na segunda ordem, essa associação se torna o significante para o significado: astuto ou ardiloso. O signo de primeira ordem não necessita ser linguístico (PENN, 2000, p. 323).

Os conhecimentos exigidos para se entender essa significação são dados em três níveis: denotação, conotação e mito. O primeiro exige somente conhecimentos linguísticos e antropológicos; no segundo, são necessários conhecimentos léxicos, enquanto o terceiro e mais complexo requer uma atenção especial, pois o mito normaliza e torna imperceptível a carga ideológica por trás do texto ou da imagem, fazendo parte de uma macroestrutura que visa legitimar e sustentar uma forma de poder. Vejamos como isso pode se dar na prática da análise das capas selecionadas.

Figura 1- Capa da edição número 2529 da Veja, de 10 de maio de 2017.[11]

A capa da edição da Veja de 10 de maio de 2017 traz como manchete “O primeiro encontro cara a cara: Moro x Lula”, e, em sua linha-fina: "Por que a libertação de José Dirceu só fortalece a Lava-jato. Renato Duque diz que Lula o orientou a fechar conta na Suíça".

A Figura 2 identifica os elementos visuais da imagem, listados por meio de anotações na figura da capa. Trata-se de uma ilustração de dois lutadores se encarando e em posição de combate.

[11] Disponível em: https://veja.abril.com.br/acervo/#/edition/52587?page=1&section=1 Acesso em: 23 jun. 2020.

Figura 2: Elementos visuais da imagem. Elaborado pelo autor.

O uso das cores, aqui, reflete a narrativa que a mídia cria. Moro usa as cores amarela e azul na máscara, onde se pode estabelecer uma associação com a bandeira do PSDB, partido que era até então o principal adversário político do PT na disputa pela hegemonia política no País. Lula usa a máscara vermelha e amarela, que sugere uma relação com as cores da bandeira do comunismo e também a bandeira do PT. No âmbito do mito, a metáfora parece ser a do combate do bem (Moro) contra o mal (Lula), tal qual fazem nas lutas livres norte-americanas, que são de natureza parapolítica, onde o mau lutador sempre é considerado como um Vermelho (BARTHES, 1954).

É importante ressaltar que a Istoé também estampou sua capa usando do mesmo conceito nesta semana, como foi apontado no começo da seção, em que ocorreu a primeira audiência do ex-presidente Lula.

Figura 3: As capas de Veja e IstoÉ da primeira semana de maio de 2017.

A análise das informações escritas mostra que a frase “Moro x/vs. Lula” é a que melhor sintetiza o conteúdo das duas capas, corroborando com o argumento usado na segunda seção, de que a mídia, no intuito de legitimar um discurso ideológico, pode prestar desserviços à sociedade, agindo em favor de um Lawfare, por exemplo: tendo em vista que um magistrado tem que ser imparcial, estes títulos sugestivos nas capas das duas revistas em que colocam réu e juiz na condição de inimigos, naturalizam algo que fere o Código Processual Penal, em seu artigo 254, inciso I.

Quadro 3: Apresentação tabular dos achados na capa da revista Veja.

Denotação	Conotação/Mito
Duas figuras masculinas: traços e feições do rosto. Dois lutadores: uso de máscaras de catch/wrestling.	Embate mitológico do bem (Moro) contra o mal (Lula).

Figura 4- Capa da edição número 2552 da Istoé, de 15 de novembro de 2018.[12]

A capa da edição de 15 de novembro de 2018 da Istoé, tem como chamada "Lula é o mentor do esquema criminoso da Petrobras. O tríplex é a ponta do iceberg", precedido pela legenda "Entrevista exclusiva", e sucedida pela nota de rodapé "Juiz e futuro ministro da Justiça Sergio Moro". A imagem estampada é de Moro, com semblante sério, de braços cruzados, e com olhar altivo. Sua vestimenta, terno preto, camisa branca, relógio preto e principalmente a gravata azul, transmitem calma, confiança e conservadorismo, tal como é dito pelo professor de design de moda da Faculdade Senac de Pernambuco Diego Rocha, em entrevista concedida ao jornalista Pablo Raphael para o portal UOL "Cores frias como o azul remetem à tranquilidade e às tradições, naturais de partidos da 'situação', para os quais a inércia é ideal para que o poder não se transfira".[13]

Para uma análise do conteúdo escrito, destaco a frase "Lula é o mentor do esquema criminoso da Petrobras", uso o eixo paradigmático/sintagmático proposto por Saussure, para questionar não apenas as palavras escolhidas por Moro, mas também as não escolhidas. Estas, com efeito, revelam, por exemplo, que o sentido dos termos empregados é assim determinado pelos termos não escolhidos, uma vez que "o valor de cada termo é determinado por seu lugar no sintagma, isto é, pelos outros termos, na frase, que o precedem e o seguem, e pelo conjunto de termos alternativos que podem substituí-los" (PENN, 2000, p. 321). A combinação é livre entre os termos, desde que seja

[12] Disponível em https://istoe.com.br/edicao/2552/Acesso em: 23 jun. 2020.
[13] Disponível em https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/04/12/crise-de-estilo-erros-acertos-e-significados-das-gravatas-na-politica.htm. Acesso em: 30 setembro.2020.

respeitada a ordem estabelecida pelo sintagma, neste exemplo: sujeito, verbo, artigo, substantivo, preposição, substantivo e adjetivo, nesta sequência.

Quadro 4: Aplicação adaptada dos eixos sintagmáticos e paradigmáticos segundo Saussure.

	SINTAGMA						
PARADIGMA	**SUJEITO**	**VERBO**	**ARTIGO**	**SUBSTANTIVO**	**PREPOSIÇÃO**	**SUBSTANTIVO**	**ADJETIVO**
	ELE	É	O	AUTOR	DA	ORGANIZAÇÃO	CRIMINOSA
	LULA	*[14]	*	MENTOR	DO	PLANO	CRIMINOSO
	EX-PRESIDENTE	*	*	IDEALIZADOR	*	ESQUEMA	ILEGAL
	LUIZ[15]	*	*	CRIADOR	*	ESTRUTURA	ILÍCITO

Fonte - Elaborado pelo autor a partir de Saussure (1969).

O emprego dos termos nos campos: verbo, artigo e preposição, são neste caso, limitados. No entanto, os outros campos têm outros exemplos que poderiam ser citados, mas não cabem aqui, por conta das inúmeras combinações que poderiam ter sido utilizadas. A escolha da combinação dos termos dentro da oração, definem a carga ideológica da mensagem, que pode ser mais ou menos taxativa.

Entende-se que um juiz, no exercício de sua função, promova um julgamento justo e imparcial. Se Moro cumpriu esses requisitos, por qual motivo ele daria entrevistas para a imprensa expondo o réu, e ainda usando afirmações taxativas? E por qual motivo a revista escolheu justamente este trecho da entrevista para estampar a capa?

Moro assume o papel de inimigo de Lula, em todo aquele período, porque, enfim, por meio de seus julgamentos, ele legitimava também os interesses dos donos daqueles meios de comunicação, o que ficou evidente na análise anterior. O Quadro 5 traz os elementos mais significativos da análise da capa.

[14] O asterisco indica que não foram encontradas alternativas aos termos anteriores. Isto se aplica a todos.
[15] Dada a formalidade dos magistrados, é comum o réu pelo seu nome.

Quadro 5 - Apresentação tabular dos achados nas capas da revista Veja.

Denotação	Sintagma	Conotação/Mito
Figura masculina: postura, vestes, etc...	Equivalência sugerida por conta da vestimenta: terno, gravata, camisa branca e gravata azul que remetem às tradições. Representa o partido da situação. Moro apresenta postura conservadora.	Combatente do crime, inimigo da corrupção. Um justiceiro

Fonte - Elaborado pelo autor a partir da análise da capa de Veja.

Conclusões

Comprova-se, através dessa análise concisa, a ideia inicial de que a mídia utilizou ferramentas de comunicação para elaborar narrativas favoráveis a Sérgio Moro, apoiando o Lawfare praticado pela justiça brasileira contra o ex-presidente Lula. Isso pôde ser constatado por meio do entendimento dos referenciais teóricos usados e de sua relação com o tema, além da análise estruturalista-semiológica das capas das revistas Veja e IstoÉ escolhidas para o estudo aprofundado.

A midiatização de toda a operação, que a mídia enquadrou na "luta contra a corrupção" e também por meios mais subjetivos como a luta mitológica do "bem contra o mal", agendou o debate e, como a história subsequente do País deixaria claro para os olhares mais críticos, se configuraria na vitória de um governo que se elegeu na avalanche midiática da operação. O fato de a estrela maior da Lava-Jato ter sido convidada pelo governo do então presidente eleito, Jair Messias Bolsonaro, para a pasta da Justiça mereceria uma análise mais profunda.

Este estudo, aplicado no presente artigo à figura de Sérgio Moro, pode servir de base para a análise de outros personagens significativos da Lava-Jato, como Newton Ishii (o "Japonês da Federal"), Rodrigo Janot e Deltan Dallagnol, que tiveram, tal como Moro, sua imagem frequentemente estampando jornais e revistas durante o período da operação.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS FILHO, Clóvis. **Ética na comunicação**. São Paulo: Moderna, 1995.

ISTOÉ. Capas. Disponível em: https://istoe.com.br/edicoes/. Acesso em: 13.abr. 2020.

VEJA.Capas. Disponível em: https://acervo.veja.abril.com.br/#/editions. Acesso em: 14 abr. 2020.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1969.

CRUZ, Adriano Charles da Silva. **A midiatização da Operação Lava Jato. Temática**, ano XVI, n. 2, fev. 2020, p. 14-29. :Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/50498/29467. Acesso em: 13 abr. 2020.

GUTMANN, Juliana Freire. Quadros narrativos pautados pela mídia: framing como segundo nível do agenda-setting? **Contemporânea**, v. 4, p. 25-50, 2006.

MARTINO, Luís Mauro de Sá. **Teoria da comunicação**: ideias, conceitos e métodos. Petrópolis: Vozes, 2014.

BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BARTHES, Roland. **Mitologias.** 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

PENN, Genma. **Análise semiótica de imagens paradas**. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 319-342.

PAVLIK, John Vernon. **O 7º princípio do jornalismo na era digital.** In: CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo**: **7 caraterísticas que marcam a diferença**. Covilhã: Labcom, 2014, p. 159-184.

SANTA CRUZ, Felipe. In: MARTINS JUNIOR. Osmar P. (Org.). **Lawfare em debate**. Goiânia: Kelps, 2014, p. 6.

ZANIN, Cristiano. Et al. **Lawfare: uma introdução**. São Paulo: Contracorrente editora. 2019.